

Sete anos do projeto: Mapeamento Arqueológico e Cultural da Zona da Mata Mineira: resultados e avaliação

*Ana Paula de Paula Loures de Oliveira*¹

O objetivo desta nota é enumerar alguns dos resultados alcançados pela equipe do Museu de Arqueologia e Etnologia Americana da UFJF, durante o desenvolvimento do Projeto: Mapeamento Arqueológico e Cultural da Zona da Mata Mineira. Falar dos resultados, mesmo que parciais do projeto, é falar em primeiro lugar das ações educativas que permearam todo o processo de produção do conhecimento.

Desde o início, o programa de educação patrimonial foi e continua sendo o carro chefe de nossa inserção junto à comunidade envolvida. Trata-se fundamentalmente de localidades de zonas rurais, em cujas escolas, muitas vezes, com turmas multi-seriadas, vivenciamos momentos de enriquecimento e de grande prazer. Durante as aulas e oficinas tecnológicas as relações entre as crianças e o profissional, pesquisador, distante, lá da "Universidade" se estreitaram. Os laços estabelecidos dificilmente são desfeitos e o estranho deixa de ser intruso, dando lugar à afetividade que se instaura no respeito mútuo e na troca de experiências.

O programa de educação patrimonial foi aplicado em mais de 25 escolas do município de São João Nepomuceno/MG, entre os anos de 2001 e 2004. Mais re-

¹ Coordenadora do Museu de Arqueologia e Etnologia Americana da UFJF, Campus Universitário, Juiz de Fora – MG. CEP 36036-330, apaula@gmx.net, www.maea.ufjf.br

centemente foi a vez dos Municípios de Carangola/MG, Cataguases/MG e Chibitor/MG integrarem o programa, onde mais de 500 crianças participaram das atividades. Muito já foi dito e publicado sobre esta ação, não cabendo aqui maiores desdobramentos sobre seu desenvolvimento.

Sucintamente, prezamos por ações educativas que incitem nas crianças e até mesmo nos adultos, um sentimento positivo em relação ao passado étnico de suas próprias cidades. Isso porque, ao lidarmos com um pretérito assaz longínquo como o anterior à chegada dos portugueses, abre-se uma brecha para a apreciação de pelo menos duas etnias que contribuíram significativamente para construção histórico-cultural da Zona da Mata mineira e, por extensão, do país – a indígena e a negra. Tem-se então que os achados materiais correspondentes a esses grupos colocam em xeque a supremacia naturalizada de uma única cultura, européia branca, ao mesmo tempo em que suscitam um redirecionamento do olhar sobre a própria ascendência das pessoas que, embora multi-étnicas em sua raiz, sentem o peso da discriminação quando ela é remetida diretamente aos indígenas “selvagens” e aos escravos.

É, pois, nas aulas e oficinas de educação patrimonial que temos procurado demonstrar de forma lúdica, o quão rica é a diversidade cultural da nossa região e a importância de se preservar e valorizar o patrimônio, seja ele material ou imaterial que lhe é pertinente. A operacionalização desta ação consiste basicamente no desenvolvimento de aulas interativas e realização de oficinas de cerâmica que envolve pelo menos quatro módulos distribuídos da seguinte maneira: 1) História da região e legado indígena e negro; 2) Oficina de cerâmica; 3) Mito, arqueologia e legados culturais e 4) Memória e patrimônio.

De modo geral, as estratégias empregadas para alcançar a sensibilização

para a importância dos bens culturais, ambientais, da memória coletiva e das tradições, perpassam pela experiência da materialidade e da expressão estética, no contexto do ser e fazer, de modo a responder às necessidades de uma realidade coletiva. Com uma reflexão sobre o discurso da História Oficial demonstramos a partir dos dados arqueológicos, históricos e etnográficos da região, as possibilidades de construção de um novo conhecimento. Assim, com a valorização dos saberes coletivos ancestrais, as crianças mobilizaram parentes e amigos que contribuíram com depoimentos fundamentais a este processo, transformando, inclusive, os espaços de transmissão do saber (Monteiro Oliveira & Loures Oliveira, 2003 e 2004).

Passado o primeiro estágio de aproximação é a vez da equipe da história oral entrar em cena. Não é de hoje que a história regional é foco de atenção dos historiadores, muito embora os grandes feitos e grandes nomes ainda imperem na historiografia local. Em diversos casos são as efemérides e biografias as fontes disponíveis para consulta quando o assunto é o passado do município estudado. Quantas vezes não fomos questionados a respeito de nossos propósitos de estudar a pré-história, sendo que a história não tinha nem mesmo sido escrita. De toda sorte, não podíamos nos privar do intento. Se nossa intenção era valorizar um passado distante, tínhamos por missão mostrar que a história de nossos interlocutores poderia ser escrita, tomando a eles mesmos como sujeitos desse processo.

Partindo dos trabalhos entregues pelas crianças, que traziam os relatos dos mais antigos sobre os causos, usos e costumes de alguns membros da comunidade, passamos à memória, reavivada por meio do interesse dos pesquisadores pela história cultural. Os encontros com a população foram permeados por entrevistas informais e conversações livres que não tiveram como objetivo uma

inquirição sobre um assunto específico. O fio condutor era a influência indígena no *ethos* local e nas práticas cotidianas das pessoas mais comuns, mesmo assim os temas tratados eram aqueles sobre os quais nossos interlocutores se sentiam mais a vontade.

A memória da vida pública, com seus marcos institucionais, não se faz muito presente nestes relatos. Os fatos narrados são em grande parte histórias de vida, que envolvem seus círculos de convivência, ou transmitidas por familiares. É muito comum mencionarem histórias ligadas às antigas fazendas da região e ao tratamento dado aos escravos. Se lhes é perguntado sobre indígenas, os relatos, quando ocorrem, se tornam dispersos e espaçados. Muitos são os que conhecem ou mesmo possuem ascendência indígena. Entretanto, aspectos remanescentes dessas culturas passam despercebidos, ao passo que dados acerca do colono imigrante são transmitidos com maior vivacidade.

É então, ao considerar estas questões, que se observa nas zonas rurais dos municípios estudados a questão da disputa e seletividade da memória. A ideologia de esquecimento do elemento indígena transmitiu-se às gerações seguintes quase inconscientemente. Selecionou-se um passado ligado às fazendas de café, ou, posteriormente, de criação de gado, constituído pelo branco e o escravo. A idéia que ficou do índio foi distorcida completamente, sendo que em vários relatos quando se fala sobre ele, atribui-se uma carga negativa, de "homem mau". As mulheres foram reduzidas à expressão "pega no laço", sendo que todo o ato de violência que envolve a questão recebe um ar romântico.

Ao selecionar o elemento indígena ou negro enquanto secundário na formação cultural da região, a identidade criada gira em torno do mito fundador dos distritos por tropeiros e do trauma escravo abarcados por uma visão do 'eu' enquan-

to interiorano. De tal modo, a memória é essencial na formação identitária, enquanto um veículo de reivindicação, resgate ou esquecimento. Assim, ela, a memória, bem como este projeto envolve a noção de cidadania. Ou seja, parte-se da idéia de que o indivíduo enquanto cidadão tem direito ao acesso à memória e ao patrimônio, não sob a leitura de organismos e ideologias institucionais seletivas e compiladoras, mas a partir daquilo que realmente constitui o seu *ethos*. Neste sentido, procura-se por meio deste e de outros projetos desenvolvidos pela equipe do MAEA-UFJF, chamar a atenção para a conscientização e valorização do legado indígena na região enquanto elemento constituinte de sua cultura.

A oralidade nesse caso passou a ser a própria expressão da memória e o processo de lembrar, um meio de explorar os significados subjetivos das experiências vividas. Nesse processo de reavaliação de sua própria realidade, os sítios arqueológicos passam a representar o símbolo de uma nova perspectiva de si mesmo. Algo para se reportar não como referência a uma herança étnica específica, mas como representação de um passado que lhes fora subtraído. Nesse processo de reconhecimento dos próprios preconceitos e integração da comunidade em suas premissas de ação, o Projeto de Mapeamento tem em seu engajamento social uma de suas principais características.

Cientes da importância dos sítios arqueológicos, a própria comunidade passou a reconhecê-los enquanto patrimônio e a exigir sua preservação. Ao todo identificamos mais de vinte sítios que seguem um padrão de nomenclatura que permite sua ordenação regional ZM – Zona da Mata mineira, municipal JN – São João Nepomuceno e local, esta última, seqüencial por ordem de ocorrências. Assim, além de um nome fantasia, como, por exemplo, Sítio Primavera, o mesmo

recebe um código (ZM-JN-01) que permite diferenciá-lo dos demais sítios com a mesma alcunha (Loures Oliveira, 2004 e 2006).

A metodologia de abordagem adotada em cada sítio partiu de características e necessidades impostas pelas circunstâncias e momento de seu achado. Dependendo do estado de conservação e implantação na paisagem, diferentes procedimentos foram acionados com vistas ao registro e possibilidades futuras de estudos. A delimitação da área e a identificação preliminar da distribuição espacial dos vestígios, do tipo de matéria prima e decoração, foram ações fundamentais a uma primeira classificação do sítio. Para tanto, coletas de superfície precederam a realização de trincheiras e cortes estratigráficos, seguidos de elaboração de plantas topográficas e caracterização ambiental.

Dos 30 sítios registrados até o momento, apenas oito foram estudados sistematicamente pela equipe: o ZM-RN-01 - Sítio Santa Rosa, ZM-RN-02 - Sítio Mata dos Bentes, ZM-JN-01 - Sítio Primavera, ZM-JN-02 - Sítio da Poca, ZM-CA-01 - Córrego do Maranhão, ZM-ME-01 - Córrego de Areia, ZM-JF-01 - Sítio Teixeira Lopes e o ZM-JF-02 - Sítio Emílio Barão, este último por sua proximidade do ZM-JF-01, separados apenas pela BR 267 - Km 138, pode ser considerado como ocorrência de uma mesma ocupação.

Estes sítios apresentam, por sua vez, características bastante congruentes que permitem uma classificação inicial em sítios lito-cerâmico colinares, unicomponeciais, assentamentos amplos com mais de seis mil metros quadrados, além de apresentarem tecnologia lítica e cerâmica, particularmente, semelhante. Disparamos de diversos tipos de corrugados, unculados, pinturas, formas e tamanhos das vasilhas cerâmicas. O material lítico é fundamentalmente composto por lascas de quartzo hialino e pouca evidência de material polido.

Durante os últimos sete anos, o Projeto de Mapeamento Arqueológico e Cultural da Zona da Mata Mineira demonstrou a riqueza de nosso patrimônio e as possibilidades de novas perspectivas para a história regional. O registro e estudo dos sítios identificados, associados às atividades de educação patrimonial e da história oral têm permitido um novo olhar sobre o nosso passado. Um passado rico em diversidade étnica e cultural até então pouco ou nada conhecido. Muitos problemas colocados no início das atividades ainda persistem e muitos outros estão sendo suscitados, como os relativos às possibilidades de nossos sítios integrarem a área de domínio/habitação de grupos Tupinambá da costa.

Não se pode mais pensar o povoamento e o processo de colonização da Zona da Mata mineira sem mencionar o Projeto de Mapeamento. Com a criação dos mestrados em Arqueologia no Museu Nacional do Rio de Janeiro e na Universidade Federal de Minas Gerais, associados à já consagrada pós-graduação no Museu de Arqueologia da Universidade de São Paulo, o Museu de Arqueologia e Etnologia Americana da Universidade Federal de Juiz de Fora pode se tornar um ponto estratégico para todos aqueles que almejam se especializar em Arqueologia no sudeste brasileiro.

Por fim, basta dizer que o Projeto de Mapeamento não tem um cronograma fixo, com data para sua conclusão. Trata-se, na verdade, de um projeto de várias vidas e esperamos que tenha sua continuidade nas mãos e nas mentes daqueles que formamos.

Referências Bibliográficas

LOURES OLIVEIRA, A.P.P. (org). 2006. *Arqueologia e Patrimônio da Zona da Mata Mineira: Juiz de Fora*. Juiz de Fora, MAEA/Editar.

_____. 2004. *Arqueologia e Patrimônio da Zona da Mata Mineira: São João Nepomuceno*. Juiz de Fora, MAEA/Editar.

LOURES OLIVEIRA, A.P.P.; MONTEIRO OLIVEIRA, L. 2003. Hin zu einer Ethnographie des Wissens: Handlungsstrategien des Projektes Archäologische und Kulturelle Kartographie der Zona da Mata Mineira In: *Kinter und Jugendliche im Blick qualitativer Forschung. Kulturhistorische Schule, Phänomenologie und Ethnografie in Brasilien und Deutschland*. Oberhausen, Athena-Verlag, vol 1:236-250.

MONTEIRO OLIVEIRA, L.; LOURES OLIVEIRA, A.P.P. 2004. Educação Patrimonial, Memória e Saberes Coletivos. *Revista de Arqueologia SAB*, 17:75-84.